

Estudar fora vale a pena, mas implica riscos

fonte: Folha de São Paulo / Caderno de Empregos do dia 14/11/2004

Mercado tende a ver bolsistas como 'muito teóricos'; outro contra é perder a rede de contatos

Renato Essenfelder – Editor – Assistente de Suplementos

Computados os gastos, a saudade de casa, a correria, o estresse de um lado, e a experiência de vivenciar outra cultura e de estudarem centros de excelência, de outro veredito é certo: estudar no exterior com bolsa de estudo é, de modo geral, um bom negócio.

Interessados em seguir carreira acadêmica, seja como pesquisadores, tiram mais proveito da oportunidade, pois o título abre portas nas instituições brasileiras.

Já quem está em dúvida entre academia e mercado encontra nas bolsas a chance de experimentar um pouco de uma rotina de estudos de alto nível e de refletir se leva mais jeito para uma ou para outra atividade profissional.

Logicamente, nem tudo são flores. Para conseguir vaga nos melhores programas, é preciso enfrentar duas maratonas: uma de estudos outra de burocracias.

Além de ter um histórico escolar impecável, boas notas nos exames e um sólido projeto de pesquisa, os candidatos não podem descuidar da papelada: diplomas, certificados, formulários, cartas, de recomendação e de Motivação, currículo e (muitos) outros.

E há um risco adicional para os aprovados: descobrir que cada porta aberta na academia fecha uma no mercado de trabalho. “Acho que [uma bolsa no exterior] até atrapalha [no mercado], pois muitas pessoas nas empresas vêem isso como algo muito teórico, fora da realidade”, diz Suzane Strehlau, 39, professora na Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) e ex-bolsista na HEC (Hautes Études Commerciales), da França, onde fez mestrado.

Outro risco é se afastar da realidade brasileira: “Se a pessoa ficar muito tempo fora do país perde a rede de relacionamentos”, diz o publicitário Pedro Prado, 25, que fez parte da graduação nos EUA.

Equacionados os riscos – mais altos em bolsas muito científicas, como as de doutorado -, a gerente-geral da Central de Estágios Gelre, Telma Moreira, faz uma avaliação positiva, “Toda experiência adquirida lá fora é válida.”

Na Bagagem

Confira cuidados imprescindíveis para antes da viagem

- Malas

O limite de peso nos aviões é de duas malas de até 32 kg cada uma (vale para os destinos mais comuns, como Europa e Estados Unidos.) A bagagem de mão pode pesar até 5 kg.

- Higiene e saúde

Carregue itens básicos de higiene pessoal e uma troca de roupa na bagagem de mão. Leve também um kit com os remédios que costumam usar.

- Horário

Chegue cedo ao aeroporto; o ideal são três horas de antecedência para vôos internacionais

- Clima

Leve roupas compatíveis e evite gastos extras

- Documentação

O passaporte deve estar válido desde o momento em que você sair do país até o retorno.

Fonte: "Guia de Viagem", da Central de Intercâmbio (distribuição gratuita)

Primeiro teste é reunir a papelada exigida

Antes de comemorar, estudante precisa fazer economia; maioria das bolsas só cobre taxas

Cartas de apresentação e de recomendação, testes, de proficiência, histórico escolar, cópias de documentos, enfim, uma tonelada de papéis. Quem quer fazer faculdade fora do país precisa se programar com antecedência de pelo menos um ano para conseguir dar conta da burocracia.

Depois de tudo traduzido no idioma de interesse e enviado à instituição, resta torcer e começar a economizar algum dinheiro.

Como é praticamente impossível fazer a graduação no exterior com bolsa integral, passagem paga e dinheiro para alojamento e alimentação, uma reserva financeira antes de viajar é recomendável.

Diferentemente das bolsas de mestrado e doutorado, as de graduação costumam cobrir só a parte educacional (taxas acadêmicas), sem passagem aérea e sem auxílio para gastos pessoais.

Para quem mesmo assim quer viver essa experiência, uma opção é o Ibeu (Instituto Brasil – Estados Unidos), que dá bolsas para graduação em universidades norte americanas, incluindo as famosas Harvard e MIT (Massachusetts Institute of Technology).

"Para entrar não basta ter um currículo escolar impecável. As escolas buscam alunos que participem da comunidade e tenham outras atividades. Não querem um CDF", diz Neide Monteiro, Chefe do serviço de orientação e assistência ao bolsista do Ibeu.

Outra forma de conseguir o subsídio é pela prática de esportes. Graças aos 2,05 m de altura e às habilidades no basquete, Evandro Daniel Moretti, 26, teve apoio para estudar administração de sistemas de informação na University of Central Florida (EUA). Ele enviou uma fita de vídeo com cenas de Jogos e treinos de que participou para o técnico do time de basquete da faculdade. Foi aprovado e recrutado.

As bolsas mais comuns, no entanto, são as tradicionais, oferecidas por instituições como British Council, do Reino Unido, e Daad (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), entre outras.

O estudante de administração Daniel Eduardo Queiroz Machado de Lima, 22, trancou a faculdade por seis meses para estudar disciplinas do seu curso na Nottingham Trent University (Reino Unido) pelo British Council.

A ajuda cobriu 2.000 libras correspondentes às aulas. Entre estada, passagem e despesas, contudo, ele desembolsou de R\$ 15 mil a R\$ 20mil. "Pretendia gastar menos, mas valeu a pena", pondera.

Tudo pago

Alguns raros programas oferecem possibilidade de viajar sem mexer no bolso. Pelo Daad há um curso de inverno de seis semanas com tudo pago para universitários. O bolsista ainda recebe seguro-saúde e €1.850 para custear a viagem e a estada na Alemanha.

Durante a faculdade, o agrônomo Christian Bredemeier, 31, conquistou uma dessas bolsas. "Fiquei entre janeiro e março na Alemanha. Fui para a Universidade Albert-Ludwigs, em Freiburg. O valor mensal foi suficiente".

Hoje ele está na sua quarta bolsa de estudos, a segunda pela mesma organização. Bredemeier cursa doutorado na Universidade Técnica de Munique, Alemanha.

Na volta

Outra questão a ser considerada é que nem todos os cursos têm correspondência acadêmica no Brasil, e aí o estudo pode comprometer o ingresso do bolsista no mercado de trabalho local.

De acordo com a Associação Alumni, centro ligado ao consulado dos EUA para orientação educacional, são quatro as áreas em que a graduação fora pode complicar a validação posterior do diploma no Brasil: direito, odontologia, medicina e veterinária.

“Nesses casos, o fato de ter feito fora até pesa contra, mas é válido se a intenção for continuar em carreira internacional”, avalia Patrícia Molino, diretora nacional de gestão de RH da KPMG.

Sistema Educacional

Metodologia de Ensino varia em cada país

Free-Lance para a Folha

Na maioria dos países, o sistema de graduação é diferente do brasileiro. Nos Estados Unidos, por exemplo, não há vestibular: o processo de seleção das faculdades é feito com base em currículo e histórico escolar.

Já em alguns países europeus é possível cursar uma faculdade de quatro ou de cinco anos e já sair com um título de mestre em mãos.

Na Europa há ainda um projeto de estimular o intercâmbio entre universitários de várias nações. O plano é que, no futuro, outros Estados-membros da União Européia se espelhem na Alemanha, que tem 40% de suas faculdades com aulas ministradas em inglês. Depois que outros países fizerem o mesmo, com o currículo unificado em todos os Estados, qualquer estudante poderá começar a universidade na Alemanha, por exemplo, passar pela França e terminar na Espanha.

Como as faculdades alemãs são públicas e cobram apenas uma taxa anual, não há bolsas integrais, embora algumas reservem cotas para alunos estrangeiros.

Lá quem é de fora tem de passar por um curso pré-universitário de um ano e então fazer um exame de admissão semelhante ao vestibular brasileiro.

Para validar qualquer diploma estrangeiro no Brasil, é preciso procurar uma universidade pública, informa Ana Lúcia Gazzola, reitora da UFMG e presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior).

Cada país tem sua especialidade científica

EUA são fortes em tecnologia e gestão; França, em humanas; Alemanha, em engenharia

Na hora de escolher um país-alvo para pleitear uma bolsa, vale investigar antes qual é a especialidade científica de cada nação. De modo geral, o forte de administração e tecnologia está nos Estados Unidos. Hotelaria é como Suíça. Artes, culinária, design e moda são bastante procurados na Itália e na França, esta última com sólida tradição, também, em ciências humanas. Já a Meca da engenharia é a Alemanha.

Naturalmente, há outros centros de excelência espalhados pelo mundo, muitas vezes pouco divulgados. “Na área de agrobusiness, ciências biológicas, genéticas e nanotecnologia, por exemplo, uma das escolas que despontam como centro de pesquisas é a University of Newcastle Upon Tyne, no Reino Unido”, exemplifica Tatiana Visnevsky Mendes, 33, presidente da Belta (associação de operadores e representantes de curso no exterior)

Outra indicação da especialista é a Austrália, com “ótimas escolas” em comunicação, gestão e hotelaria. “Para comunicação, o centro é a Edith Cowan University ‘business’ é em Sidney, na University of New South Wales. Já em hotelaria, a ICTHM (Internacional College of Tourism and Hotel Management) é uma das melhores, ligada às grandes escolas de hotelaria da Suíça”, enumera.

A publicitária Roberta Barros de Carvalho, 25, ficou surpresa com a cidade e escola onde conseguiu uma bolsa de estudos de seis meses durante a graduação. Ela esteve em Charlotte, na Carolina do Norte (EUA), na University of North Carolina. “A faculdade não tem tanta tradição na minha área, não é tão conhecida. As escolas mais famosas de arte estão em Nova York, mas em Charlotte encontrei um local rico em produção artística e uma universidade excelente.”

Entre os diferenciais apontados pela publicitária estão o acompanhamento integral do aluno por um professor orientador, laboratórios equipados e constantes exposições artísticas. “Por a cidade ser relativamente rica, ela tem público para absorver mostras de arte e festivais, dentro e fora da universidade.”

Vale lembrar que, tão importante como o cuidado com o país escolhido é a atenção que se dá à escola a freqüentar. “Em todo lugar há cursos péssimos que sive não conseguem validação do diploma ou aproveitamento de créditos aqui”, adverte a presidente a reitora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Lúcia Gazzola.

Mais Visados

A analista de sistemas Fabiana Monteiro Franchi, 28, trancou a faculdade de direito e foi estudar inglês com bolsa pelo Rotary na Austrália. “Embora com costumes diferentes, ela é muito similar ao Brasil”, opina.

De acordo com pesquisa feita pela Belta, a Austrália é o quarto destino mais procurado por estudantes com idade entre 18 e 25 anos. Nos primeiros lugares aparecem Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, respectivamente.

“Já aconteceu de a pessoa ir para um lugar que pensava ser diferente. É obrigatório pesquisar o máximo sobre o local, clima, tempo de vôo, visto e costumes”, diz Malu Teixeira, supervisora da Central de Intercâmbio.

Choque cultural também é parte do programa

Free-Lance para a Folha

No desembarque, o choque: não é só o idioma que é completamente diferente mas também os hábitos e costumes culturais. Ao optar por um país exótico como destino, o estudante deve saber transformar esse estranhamento em benefícios para expandir os horizontes.

Angelo Segrillo, 46, professor de história da UFF (Universidade Federal Fluminense) relembra sua época de bolsista na Rússia como uma oportunidade única.

Ele esteve no Instituto Pushkin por dois anos durante o período das reformas que acabaram com o socialismo no país. “Cheguei em 1989 e acompanhei o processo de reformas”, conta.

Durante a graduação, Segrillo foi bolsista nos EUA, o extremo oposto cultural.

“Foi à primeira vez que viajei só, lá aprendi a me virar.”

Outro que vai ter de “aprender a se virar” é o estudante Alexandre Nance, 21. Ele conquistou uma bolsa de estudos na Eslováquia (Europa Central).

As dificuldades num local tão diferente começam pelo idioma. Ele, que fala pouco ou nada de eslovaco, foi parar numa região onde poucos falam o inglês. “A escola é para ensinar a língua a estrangeiros, mas todos só falam eslovaco”, conta.

Aos 18 anos, Ana Elisa Piedade Sodero Martins, 27, conseguiu uma bolsa de estudo cultural na Índia pelo Rotary. Entre outras diferenças, ela não se esquece das “negociações” que a família que a hospedou fez para arrumar o casamento da sua “irmã” indiana.

Instituições investem em futuros líderes. Propaganda do passado e plano consistente para o futuro constroem candidato mais forte.

Free-Lance para a Folha

Objetivos bem estabelecidos, determinação e planejamento. Para se destacar no funil das bolsas de pós, os graduados devem se concentrar nessa tríade, ensinam acadêmicos, especialistas e ex-bolsistas ouvidos pela Folha.

Em geral, as fundações esperam beneficiar um futuro líder, como os selecionadores designam o indivíduo proativo, com metas claras. Buscam pessoas comprometidas com a área de especialização e com a disseminação do conhecimento no país de origem. E se preocupam em não errar o alvo, contemplando alguém que venha a subutilizar a temporada ou a desistir dela no meio do caminho.

Por isso pesam :

- 1) boas notas;
- 2) projeto consistente;
- 3) carta de intenções coerente;
- 4) cartas de recomendação de acadêmicos.

Notas

Histórico escolar sempre conta pontos, mas mau desempenho pontual não é suficiente para enterrar a tentativa. Frise os pontos positivos na trajetória acadêmica e se prepare para explicar o desempenho precário em algumas etapas. Para virar o jogo, o estudante deve investir no projeto de pesquisa e nas recomendações.

Projeto

O projeto de pesquisa ganha relevo acentuado no doutorado. “Você está vendendo seu peixe. Tem de explicar por que fazer a especialização no exterior e qual contribuição trará para o contexto acadêmico”, aponta Cássio Rodrigues, 33, doutor em psicolinguística pela Ruhr-Universität Bochum, na Alemanha, com subsídio da Capes.

“O bom projeto foca um tema de investigação original e desafiador, que se traduz em uma pergunta muito bem definida”, ensina Antonio César Amaru Maximiano, professor da FEA-USP

Motivação

“A pós é um processo de pesquisa. O aluno precisa ter clareza sobre o que pretende pesquisar e por quê”, resume Andréa Ramal, da ID Projetos Educacionais. A carta de intenções comunica essa convicção, que será checada nas entrevistas. O candidato deve dizer por que escolheu a instituição e como usará o conhecimento adquirido em prol da sociedade.

Recomendação

A carta de recomendação serve para atestar a seriedade do candidato e o seu potencial para dar um salto na vida acadêmica e para acompanhar a exigente rotina de estudos de alto nível. “Deve explicar por que ele é um ponto fora da curva”, comenta Elatia Abate, diretora do programa de bolsas da Fundação Estudar.

Alguns programas pedem uma referência profissional, que pode ser feita pelo chefe direto. (Juliana Garçon)

Faculdade oferece benefícios para ‘escolhidos’

Free-lance para a Folha

Para estudar em universidade estrangeira com patrocínio, o candidato enfrenta duas peneiras: ser escolhido para o benefício financeiro e ser aceito pela escola.

Se for aprovado pela escola, mas não pela fundação que concede as bolsas, o que fazer?

Simples: comunique o impasse à faculdade e reitere interesse e motivação.

A escola pode manter a aceitação enquanto o estudante batalha outra bolsa. Em alguns casos, pode ir além e ela própria oferecer alternativas de financiamento.

“As faculdades não consideram a questão financeira na hora da seleção. Mas, se o aluno for escolhido, farão o máximo possível para levá-los para seus bancos: empréstimo sem aval, bolsa

ou outra forma de ajuda”, diz Elatia Abate, diretora-executiva de bolsas da Fundação Estudar.

“No Brasil, a cultura de bolsas ainda não é reconhecida por selecionar alunos por mérito. Os estudantes participam da seleção apenas por questões financeiras.”

Paulo Prochno, professor da Fundação Dom Cabral (MG) fez MBA e doutorado com bolsas das próprias escolas. “Nos anos 90, a Universidade Vanderbilt (EUA) tinha uma bolsa para brasileiros que cobria 100% da ‘tuition’. Eu paguei as despesas pessoais”, conta. “Dali fui para o doutorado no Insead [França]. Durante dois dos cinco anos que passei lá, minha bolsa foi parcialmente financiada pela GE a pedido da escola.”

Aos 45 do segundo tempo

Por outro lado, enviar a documentação na última hora é um obstáculo. “A papelada pode ser um critério na seleção. Se dá para perceber que o aluno preparou tudo às pressas, como ele convencerá a instituição de que não fará o mesmo com os trabalhos da pós?”, pontua Andréa Ramal, da ID Projetos Educacionais. (JG)

Cinco Mandamentos para aumentar as suas chances de passar:

- 1- Reflita sobre o caminho que deseja seguir (área e país) e veja se está de acordo com a bolsa visada. Candidate-se ao mesmo tempo a vários programas
- 2- Definida a bolsa, reúna os documentos com antecedência. Seja sincero nas cartas e envie o material nos primeiros dias
- 3- O principal documento é, geralmente, o projeto de pesquisa acadêmica. Capriche nele e peça para um amigo de confiança checar o texto – principalmente se estiver em outro idioma
- 4- Faça contato com o professor a quem pedirá orientação e com a instituição visada no exterior. Quem já tem definido de antemão o orientador ganha muitos pontos
- 5- Cartas de recomendação são decisivas. Avalie quem pode “vender melhor” suas virtudes: o chefe imediato ou um superior dele. Se você mesmo vai escrever a carta para que o chefe assine, não exagere no auto-elogio

Fonte: Professores especialistas

Apoio não cobre todas as despesas pessoais. Programas como Alban pagam 75% dos gastos; bolsista deve contar com reserva própria.

Free-lance para a Folha

Bolsista de doutorado há três anos no Reino Unido, V.A.(que pediu para não ser identificada), 44, tem passado dificuldades financeiras com a família para fechar as contas no final do mês. Seus filhos adolescentes, de 15 e de 17 anos, não encontraram vaga para estudar de graça, e ela não pode pagar estudos particulares.

“É muito difícil estar num nível tão elevado dos estudos e ver os filhos sem freqüentar a escola.” Novos, sem falar inglês o suficiente e sem dinheiro, os filhos ficavam dentro do flat alugado o dia todo. “Foi motivo de muitas lágrimas. Depois de uns seis meses, começaram a trabalhar. Hoje, não estudam e fazem trabalho sem qualificação, como limpeza, algo bem difícil para quem tinha empregada doméstica o tempo todo no Brasil”, conta a bolsista.

Na euforia da comemoração por ter conquistado uma bolsa internacional, muitos negligenciam a importância da reserva financeira, achando que o subsídio cobrirá tudo. A atitude pode causar apuros depois.

Também no Reino Unido, o engenheiro florestal Gildomar Alves dos Santos, 44, que cursa doutorado na University of Aberdeen, na Escócia, recebe 870 libras mensais do programa Alban para todas as despesas, incluindo taxas escolares, “que são muito altas”.

“Tive de dar um jeito para sobreviver, comecei a trabalhar como faxineiro em um hospital.”

De acordo com a delegação da Comissão Européia no Brasil, o Alban cobre até 75% dos valores

necessários para despesas do estudante. O valor varia conforme o país. A organização acrescenta ainda que o estudante tem de estar preparado economicamente para se manter como bolsista.

Preparação e expectativas

Antes de conquistar a bolsa, uma das queixas mais comuns é sobre a papelada exigida dos candidatos. A arquiteta Juliana de Sá, 29 vai tentar pelo quarto ano consecutivo a Beca Mãe, do governo espanhol (as inscrições estão abertas até 31 de dezembro, veja no quadro abaixo).

“Não custa nada preencher o formulário pela Internet. Mas, se o candidato for pré-selecionado, tem de mandar muita documentação e comprovante de tudo.” Para a arquiteta, essa é a melhor opção de bolsa disponível hoje.

“Escolhemos o que estudar, o estudo pode ser de qualquer duração e em qualquer assunto.”

Já o estudante universitário João Guilherme Sauer, 22, vai tentar, pela primeira vez, uma bolsa fora do país, e o Alban é um dos programas escolhidos. “Tem de se virar, senão não dá tempo de achar toda a documentação.” Ele também procura outras opções. “Vou tentar a [bolsa] do British Concil e continuo pesquisando outras.” (AM)

Frutos podem ser colhidos fora da academia

Ter sido escolhido para programa de subsídio a estudos sinaliza diferencial no mercado

Free-Lance para a Folha

Um período de estudos no exterior enriquece o espírito. Se for em instituição conhecida, tanto melhor pois valoriza o currículo. Por fim, se foi concretizado com uma bolsa, abrilhanta o profissional aos olhos dos recrutadores – eles sabem que o candidato teve de comprovar atributos para fazer jus ao benefício.

“Uma bolsa internacional presume rigor no processo seletivo e indica um diferencial do profissional.”, comenta Ane Araújo, da Marcondes & Consultores Associados. “Mas só se materializa em empregabilidade caso as experiências constituam benefício direto para o rumo que o profissional quer dar à carreira.”

Traçar um plano estratégico ajuda a capitalizar ao máximo a temporada. “O profissional pode buscar contatos na filial [no exterior] da empresa para a qual trabalhou e também em fornecedores ou clientes”, sugere José Antonio Rosa, consultor da Manager. “Criar um bom ‘network’ é útil para conseguir uma boa colocação na volta”, lembra Ane Araújo.

Carlos Henrique Lobão Pegurier, 39, diretor de vendas de serviços da Lucent, por exemplo, fez contato com executivos de empresas em que gostaria de trabalhar antes de partir para o MBA no MIT, bancado pela Fundação Estudar. “Mantive contato [com empregadores brasileiros] enquanto estava lá, contando sobre minhas impressões e sobre as matérias que estava estudando. Era como um microrrelatório”, diz.

Caminho acadêmico

Depois de aprender o caminho das pedras no mestrado, os estudantes têm mais facilidade para conquistar subsídios para o doutorado. Isso porque os selecionadores vêem com bons olhos pessoas que tiveram a vida escolar e os objetivos escrutinados por outras bancas. E também porque o aluno já “pegou o jeito” dos processos de seleção.

Mas nem por isso deve engatar duas temporadas de estudo, avalia Andréa Ramal, da ID Projetos Educacionais. “Do mestrado ao doutorado há um salto no nível de exigência. É necessário amadurecer o conteúdo do mestrado”, analisa. “O ideal é ter pelo menos um ou dois anos de intervalo, tempo durante o qual o candidato pensará novas questões a pesquisar e definir metas e escolas.”

Foi o que fez Danny Pimentel Claro, 31, hoje pesquisador do Pensa (Programa de Estudos dos

Negócios do Sistema Agroindustrial, da FEA-USP) e professor do Ibmec. Após o mestrado sobre a cadeia produtiva das flores, ele passou a trabalhar como chefe de produção em Holambra (SP).

“Quando solicitei a Capes bolsa para doutorado na Holanda, eu já conhecia o setor. Foi importante para a sabatina, pois eles constataram que eu falava de um assunto com o qual estava envolvido.”

Mestrado e doutorado são excelentes para quem quer fazer carreira acadêmica ou intelectual, aponta Rosa, da Manager. “Mas no meio empresarial não têm igual peso”, pondera.

A jornalista Sharon Cohen Woiler, 27, recém-egressa do mestrado em economia política latino americana da London School of Economics – pago pela bolsa Chevening, que cobriu taxas e forneceu a ela uma “mesada” de 800 libras – espera aplicar no trabalho os conhecimentos adquiridos no curso. “Quero cruzar as análises políticas com as econômicas.”

Para Ane Araújo, não há resposta fechada: “A carreira é apenas uma das áreas da vida. Investir um longo período de aperfeiçoamento pode ser produtivo. Em outros casos, intercalar formação acadêmica com demais experiências – casamento, filhos, viagens – permite consolidar novos conhecimentos”, pondera.

Há aqueles que depois de uma experiência com bolsa de estudos para pesquisa deixam o mercado de lado e optam definitivamente pela vida acadêmica.

É o caso do publicitário José Abílio Perez Junior, 28, que trocou o estágio pela bolsa de iniciação científica da Capes. “Depois emendei o mestrado, também com bolsa, e acabei optando pela vida acadêmica, que tem menos respaldo financeiro, mas é muito mais gratificante”, opina.